

VELHICES (RE)VIVIDAS: A AUTO E A HETERO-CONSTRUÇÃO DE SI¹

Ricardo Vieira
rvieira@esel.ipleiria.pt
CIID-IPLeia - Portugal

1- Velhice, idosos e identidades

O envelhecimento demográfico e humano é considerado hoje um dos problemas mais importantes das sociedades contemporâneas (Fernandes, 2004; Correia, 2003; Imaginário, 2004).

A velhice é uma fase do ciclo de vida à qual todos ambicionamos chegar mas da qual pouco gostamos de falar. Segundo Neusa Gusmão, “*cada velhice é consequência de uma história de vida*” (Gusmão, 2003). Por isso a “velhice”, é muito mais heterogênea do que habitualmente pensamos e por isso precisa de ser estudada na sua diversidade para evitar a produção de exclusões sociais (Costa, 2007). É fundamental conhecer não só a velhice como categoria sócio-cultural com racionalidade e epistemologia próprias mas, também, os vários idosos que habitam diferencialmente esse tempo ontogénico, influenciados por factores individuais e sociais, com maior ou menor qualidade e por isso mais ou menos bem sucedido (Pimentel, 2001; Fonseca, 2005).

Este trabalho pretende mostrar a experiência da velhice narrada na primeira pessoa. Dando a voz a dois idosos, pretende ver-se a reconstrução identitária e a (re)invenção de si (Kaufmann, 2004) em duas trajectórias sociais concretas.

O envelhecimento é hoje não só um problema do indivíduo que envelhece mas também da família que o acompanha e ainda da sociedade onde este se insere (Fernandes, 1997). No fundo, trata-se de um problema de todos aqueles que têm idosos na sua família, na sua vizinhança, no seu local de trabalho, na sua escola e, ainda, de todos aqueles que, um dia, chegarão a essa idade – a chamada terceira ou a quarta idade (Relvas, 2000).

Pretende-se explorar, essencialmente, como é que os idosos (re) constroem a sua identidade (Sad, 2001; Viegas e Gomes, 2007). Para tal, aborda-se e interpreta-se como é que o passado e as diferentes experiências de vida por que passaram alguns idosos fizeram deles o que hoje são (Vieira, 1999). Pretende-se, ainda, captar as estratégias usadas perante algumas adversidades potencialmente trazidas pelo envelhecimento (perda de saúde, perda de emprego, a institucionalização, etc.)

recorrendo às narrativas produzidas com a interacção com o investigador e o apelo à memória (Bósi, 1994).

2. Breve incursão metodológica

A perspectiva teórica inscreve-se, essencialmente, numa abordagem fenomenológica e etnográfica que pretende captar o sentido dos sujeitos estudados e usa como recurso empírico entrevistas aprofundadas e etnobiográficas (Vieira, 2003).

Apresentam-se alguns dados biográficos e alguma interpretação feita a partir de “entrevistas como conversas” (cf. Burgess, 2001) feitas a diferentes tipos de idosos, de forma a diversificar os testemunhos que, por si só, são, necessariamente, distintos.

Analisa-se, brevemente, um idoso inserido na comunidade e habitando sozinho, um idoso residindo na comunidade, habitando com a família e com doença crónica e, ainda, um idoso institucionalizado.

Na escolha dos idosos a incluir neste estudo esteve também presente a tentativa de abranger pessoas que representassem casos de envelhecimento bem sucedido (Fonseca, 2005).

As pessoas escolhidas foram-no por não manifestarem pudor em falar das suas velhices e por o fazerem sem mágoas. Não obstante, objectivamente, poderão existir factores que conduzam o leitor a considerar que há aqui casos de insucesso e infelicidade. Mas a felicidade, assim como a qualidade de vida, são fenómenos subjectivos, o que, mais uma vez, justifica a opção por uma metodologia etnográfica que busca as idiossincrasias e os pequenos grãos de areia que justificam e dão sentido à vida dos idosos que estudamos. Deste modo, esta exposição busca as ferramentas, os factos de vida que despoletaram o sucesso no envelhecimento destes idosos para, a partir daí, inferir quais os sentidos que cada um atribui à sua existência.

3- falas de idosos

3.1- Sozinho em casa

O Sr. António tem 80 anos. Era uma criança muito traquinas. Um dia, decidiu abandonar a escola, e acabou por ficar com a segunda classe incompleta. Mais tarde, já adulto, concluiu a escola primária. Acredita, contudo, que se tivesse estudado mais, tudo teria sido diferente.

Era o terceiro irmão de quatro filhos. Dos irmãos é o único que se encontra vivo. Começou a trabalhar muito novo, sonhando sempre que seria embarcação. O destino pregou-lhe, no entanto, uma partida e acabou por, como ele próprio diz, “*ficar enterrado no barro*” até hoje. Tornou-se cerâmico. Casou aos 28 anos. O casamento

durou 45 anos, momento em que a esposa foi vítima de cancro no estômago, acabando por falecer há cerca de 6 anos.

Desse casamento nasceram dois filhos: uma filha e um filho. Tem três netos.

Apesar de sonhar que os filhos estudassem estes fizeram apenas a escolaridade obrigatória, ingressando ambos pela cerâmica, tal como o pai.

Com 62 anos pediu férias na fábrica onde trabalhava e depois de muito as prolongar acabou por confessar que ambicionava reformar-se. Queria ficar livre de horários e rotinas e gozar a vida, enquanto podia.

Ao longo da sua vida teve duas doenças que o marcaram e que ainda o emocionam: tuberculose aos 17 anos e cancro de pele aos 76 anos. Lutou sempre pela vida e venceu ambas as doenças.

Após a morte da esposa, e a conselho do filho, foi, embora contrariado, visitar o Centro de Apoio a Idosos Dr. Ernesto Moreira. Lá reencontrou pessoas conhecidas, o que o levou a realizar voluntariado na olaria da instituição. Esse regime permite-lhe um horário flexível, permitindo-lhe continuar livre como deseja. Defende que o lar, onde faz voluntariado, é quase um hotel, mas manifesta-se relutante acerca da institucionalização dos idosos. Para si esse é o recurso final.

Sabe que tem 80 anos mas sente-se um jovem: *“eu tenho 80 mas ainda tenho aquele espírito de miúdo... Aquele espírito de miúdo, ainda me lembra de brincar e correr e tudo o resto. [...] Mas compreendo que já sou uma pessoa de idade e que já não posso fazer tudo, mas o espírito...”*

3.1.1- reflexões na primeira pessoa as estratégias de como viver e sobreviver:

Situações problemáticas

Baixa escolaridade:

“Não sei ler, não sei escrever... [emenda] Eu sei ler, sei ler aquilo que eu quero, a escrever é que dou erros, não é? [...]

- E depois fiz a terceira e a quarta já em adulto. Mas foi pena que eu nunca liguei mas faz-me falta para a vida que eu tenho hoje. Se eu soubesse ler tinha outras colocações...”

Escasso apoio dos pais na infância:

“O meu pai ganhava... nem chegava a dez escudos por dia. Ganhava 60 escudos por semana, ou lá o que era. E a minha mãe também ganhava pouquinho, nem chegava quase para comer. E eu comecei a pensar: ir para a escola para me baterem, eu não...”

Ando bem assim, não preciso de saber ler! Quero é vadio! Eu fiz muita traulhice em pequenino. Se o meu pai estivesse em casa... Mas não estava.”

Perda de entes queridos:

“Só há uma coisa que eu não gosto aqui, que é muito triste, é a gente gostar muito de um idoso ou de uma idosa e, de repente, vai embora... [...] A gente a lidar com eles de um instante para o outro eles morrem...”

“Os meus sogros, os meus pais, os meus irmãos já desapareceu tudo. Da parte da minha família só resto eu! Nós éramos um grupo de 4, com a minha mãe e o meu pai 6. Só existo eu, agora só existo eu e os meus filhos.”

Viuvez:

“A minha falecida, quando a gente estava para gozar, morreu, coitadinha, foi aí há seis anos. Ainda passeou alguma coisa, ainda foi a muitos lados comigo, passeava, passeava, mas... Agora que ela estava para ir passear ao Canadá ver o resto da família... pronto, faleceu. Depois fui eu. Pronto a vida é assim. [diz baixinho]”

Suportes ontológicos:

Reforma como liberdade:

“E depois comecei a ver que já estava mesmo farto da fábrica e disse que precisava ir de férias, e lá me autorizaram um mês de férias. E depois chegou-se o mês de Fevereiro e perguntaram: “- então António?” E eu pedi para ficar mais um bocadinho. O tempo passou, e chegou-se a Março: “- e então?”. E eu respondi, sabe ainda ando um bocadinho cansado. Mas depois pensei e fui lá acima à fábrica e disse assim: “- olhe, hoje é que eu venho falar consigo!”

E lá disseram:

“- Oh Senhor António, o que é que você quer?

- Olhe eu venho-lhe dizer que já não o quero enganar mais! Eu não venho mais para a fábrica. [...] E se eu ganhava dinheiro! Eu tinha dois ordenados. [...]

Apoio do antigo emprego:

“Mas hoje ainda me sinto da fábrica Bordalo Pinheiro, seja lá em baixo, seja em qualquer fábrica. Sou estimado por eles todos! Eu chego lá trago tintas, trago barro, trago tudo! Eu faço de conta que vou lá buscar como se aquilo fosse a minha casa. Nunca me fecharam as portas, não é...?”

Voluntariado num lar de terceira idade:

“E depois passei para aqui. Vieram pedir ao meu filho, olha se dissesses ao teu pai que fosse lá acima [...]. Comecei a gostar disto e a tratarem-me bem e fiquei até agora. Ainda não tive aqui ninguém que me tratasse mal. Faço aqui uma vida que eu [ri-se]... Uma vida bonita, prontos! Se fosse uma coisa que eu não me sentisse aqui bem já me tinha ido embora, mas também preso não estou! [...] Eu não quero estar preso. Pronto, eu não quero estar preso! Quero fazer a minha vida à minha vontade.”

Ultrapassou períodos de saúde débil:

“já tive duas doenças das piores. E felizmente hoje sinto-me saudável. Quando tinha 17 anos, tive tuberculose. [...] Cheguei a ter a louça separada dos meus pais e dos meus irmãos. Só quem comia comigo, ao meu colo, era uma gata, e eu dizia assim: “-olha se eu morrer também morres”. [ri-se] Mas a gata nunca morreu [...]. E eu vou a Fátima todos os anos...”

Apoio da família próxima:

“a minha esposa já faleceu há seis anos. Pois, já há seis anos. Tive 45 anos com ela. Tenho um filho e uma filha. O meu filho tem uma filha que já esta casada. A minha filha tem uma filha que também esta casada. O meu neto é que é mais mandrião, é mais velho que a irmã mas diz que se sente bem em casa, e eu digo-lhe que ele faz bem, que o avô também tinha 28 anos quando casou.”

Sentimento de missão cumprida:

“Eu quando morrer, morri! Quero lá saber de quando morrer! Mas quando era novo, é pá...! Só de pensar nisso... Pensar que tinha de morrer... Mas agora já não, agora não me custa. Os filhos estão criados, os netos estão criados. Bisnetos não tenho...”

Consciência dos limites:

“- Pois o espírito é o mesmo, só que noto diferença porque tenho uma idade já muito grande, não é...? Mas a andar a descer ou em rectas ainda ando bem, agora a subir é que eu já noto um certo cansaço, mas subo mais devagarinho! O ano passado fui duas vezes a Fátima, este ano já fui só uma vez e todos os anos vou a Fátima. Enquanto eu puder é sempre a andar, sempre a andar... Nunca paro!

3.2- Viver Institucionalizado

A D. Maria tem 92 anos. Nasceu e morou no Cadaval até cerca dos 15 anos, momento em que passou a residir nas Caldas da Rainha onde reside, até hoje, no Centro de Apoio a Idosos Dr. Ernesto Moreira.

É oriunda de uma família de classe média alta, razão pela qual saiu do Cadaval e veio, na companhia dos pais, morar para as Caldas, evitando assim aproximações e namoros com os rapazes daquela terra que tinham por hábito pôr as esposas a trabalhar no campo.

Fez, naquele tempo, a quinta classe não podendo, por oposição dos pais, continuar os estudos pois, como afirma, “*as meninas não iam estudar*”.

Casou após quatro anos de namoro com o representante das máquinas de costura da Singer. Desse casamento teve apenas um único filho que perpetuou o negócio do pai. O filho casou ainda jovem com a namorada de então para fugir à chamada para a guerra do Ultramar. Desse casamento resultou um casal. Quis contudo o destino que esse casamento durasse pouco tempo, pois a esposa acabou por falecer num acidente de automóvel deixando por criar uma menina de dois anos e um menino, de apenas 29 dias.

Após esta infelicidade a D. Maria tomou a seu cargo a criação dos netos, mas com as duas crianças em casa e com a sua mãe, nessa altura já viúva, e o marido, doente do coração, a vida não lhe era fácil pelo que o neto acabou por ser criado pelos avós maternos.

Aos cinquenta anos, e após doença prolongada, o seu marido acabou por falecer, deixando-a, também com 50 anos de idade viúva, nunca mais tendo pensado em casar.

O filho, por sua vez, tentou um segundo casamento, uma leviandade nas palavras da mãe. Desse casamento não resultaram filhos, nem tão pouco qualquer tipo de apoio às crianças do primeiro casamento, que foram criadas pelos avós. A sua relação com a segunda nora nunca foi próxima pelo que, mesmo hoje, no lar onde se encontra, e onde a nora trabalha, os encontros e as conversas são raros.

A neta estudou, como era o sonho da avó, e formou-se em Físico-Química, sendo professora do Ensino Secundário.

O neto fez apenas o liceu e, mesmo com o incentivo da avó, não quis estudar, continuando o negócio da família, iniciado pelo avô. Tem quatro bisnetos.

Com um filho único, uma nora com quem mantém relações muito frágeis e com os netos já casados, acabou por ir aos 89 anos para o primeiro dos dois lares que frequentou. Apesar de não ser esse o desejo do filho, as dificuldades que começava a sentir faziam que já não se sentisse segura em casa. Neste primeiro lar, em Óbidos, refere ter sido muito bem tratada, bem frequentado “*só com pessoas de cultura*”,

sentia-se em casa. Contudo, a mensalidade era cara e, como desde a sua fundação, era sócia do lar Dr. Evaristo Santos, tendo inclusivamente contribuído com 100 contos aquando da sua fundação, acabou por ser chamada ao fim de seis meses de permanência em Ataíde.

Neste segundo lar encontra-se há já 3 anos e meio. Apesar da comida ser melhor e das instalações serem boas, as relações entre utentes e funcionários nem sempre lhe agradam. Por isso gosta de dizer que entrou para lá com o pé esquerdo. Estas pequenas quezílias fizeram-na mudar de quarto por duas vezes. Também a cadeira que ocupa, na que chama “a sala do sono”, é já a segunda.

Também noutros aspectos a sua vida mudou. O filho único adoeceu gravemente com uma doença cancerosa tendo falecido há 17 meses, deixando-a muito triste e só. Sente falta das suas visitas diárias e dos seus mimos e, apesar dos netos a visitarem com frequência, a solidão começou a apoderar-se dela. Também a sua saúde declinou com a fractura do colo do fémur após uma queda junto ao quarto. Não obstante, a força de vontade que a caracteriza fá-la lutar por continuar a andar e, por isso, por vezes, fui encontrá-la apoiada apenas numa bengala recusando-se já a usar o andarilho.

Continua a lutar pela vida ocupando o seu tempo a pintar ou a escrever no seu caderno de poesia, mas refere que não teme a morte pois anseia reencontrar o filho.

3.2.1- reflexões na primeira pessoa: as estratégias de como viver e sobreviver

Situações Problemáticas:

Viuvez:

“E eu fiquei viúva cedo, o meu marido morreu a 11 de Fevereiro e fazia os 50 no dia 19 de Fevereiro eu tinha mais 9 meses do que ele; tinha feito os 50 em Maio e fiquei viúva.”

Morte da nora ainda jovem:

“E mesmo aqui à saída da cidade, chamam-lhe o moinho saloio, vem um camião, aquilo tem ali uma lombá, ele encadeou-se, o carro era um Opel leve, vinham só os dois, tiveram um desastre com o camião por cima deles e eles foram direito a uma fazenda, mas o carro depois voltou que foi o pior. Ele apanhou a pancada toda que ele estava todo partido, esteve internado no Montepio e ela, coitadinha, morreu. Ficou um menino com 29 dias e a Cristina tinha 2 anos e fui eu é que a criei.”

Morte do filho único:

“Depois, quem sofreu muito foi o meu filho. O meu filho morreu vai fazer 17 meses.”

“Mas é que foi verdade, eu sonhei com ele. Sonhei e disse: ainda há-de chorar muitas lágrimas por mim, e acordei. E fiquei com muita pena de o sonho não ser mais prolongado... ele vinha cá todos os dias, vinha sempre com o boné na cabeça por causa do sol ou do vento, e eu tenho essa imagem dele. Punha o carro cá dentro, e estava aqui um bocado. Ele vinha sempre pela hora de jantar ou antes. Acordo muita vez de noite, muita e choro muita vez. Diz que a gente não deve chorar mas eu tenho o coração assim...”

Dependência:

“no quarto tenho uma que já tem três anos e outra que foi a minha Cristina que me deu quando eu parti a perna, mas estou a precisar de um vaso maior já pedi mas ainda não mo trouxeram e a melhor altura de mudar é em Fevereiro. Também tenho uma na varanda mas essa coitadinha passa muita sede, é que eu tenho medo de ir á varanda que eu já cai e fiquei com este braço aleijado”.

Falta de saúde:

- Então a Sr.^a é escritora e pintora?

Há... fiz quadros bonitos...

Mas agora já não pinta?

A minha vista não me deixa. [...] Querem-me operar e eu não deixo, agora com esta idade...”

[...] Fiquei logo com uma grande dor na perna e pensei logo, pronto isto está partido. Mesmo o médico disse que isto era uma grande fractura que eu tinha na perna. E ficou a perna mais curta e eu nunca mais consigo andar como andava, não... eu ando já com a bengala mas muito devagar com medo de cair.”

Ida para o lar:

- Então e se a senhora pudesse também tinha preferido ficar na casa do seu filho ao invés de vir para cá, ou não?

Eu? Em casa do meu filho não! Nem em casa dos meus netos. Não...

Sente-se mais à vontade aqui?

Sim, se bem que também já aqui tenho passado muitos desgostos...”

Falta de contacto com o exterior:

“A minha irmã está mês e meio em casa de uma filha e mês e meio em casa da outra. Não são raparigas nem para telefonar nem para escrever...”

“O neto ainda cá veio ontem e a neta era para cá vir, mas foi aborrecida comigo. É que eu peço-lhe as coisas e eu quando ela chega eu pergunto:

- Então Cristina trouxeste isto assim, assim...

- Ai, avó esqueceu-me...

E eu fico aborrecida e ela também foi aborrecida.”

Suportes ontológicos:

Escolaridade:

“Fiz a quinta classe que era só o que se ensinava naquela altura.”

Actividades desempenhadas nos lares:

“Pinte então muitos quadros foi a M. que me ensinou. E o livro está engraçado porque sou eu que faço os versos, agora a M. quer fazer uns livrinhos e já me esteve a dizer para eu escolher, e eu escolhi a dos enfermeiros, a dos médicos, a da direcção e a dos utentes.”

Perseverança:

“Mas já me mexo na cama, já me viro na cama, já vou à casa de banho sozinha já faço essas coisas todas porque tenho força de vontade, se não fosse a minha força de vontade estava bem arranjada!”

Visitas dos familiares:

“O pequenino, o meu neto é muito engraçado a gente farta-se de rir com ele.

Então e ele gosta de cá vir?

Muito, muito! Eu até já escrevi no livro, agora não sei bem o que tenho mas digo que ele era muito meu amigo e gostava de o ter mais vezes comigo. O garoto gosta muito de mim... todos eles gostam...”

Estratégia:

“Eu antes de principiar o lar dei para aqui, prometi a mim própria dar para cá, 100 contos, e não podia, realmente, tanto que dei 50 e depois dei 25 e depois outros 25, com as rendas que tinha.

Mas porque é que a D. Maria quis dar esse dinheiro para cá?

Porque pensei que um dia precisasse de vir para aqui, assim como vim.

Já na altura pensou que podia vir para cá?

Sim, sim...

E por que é que pensou nisso, porque só tinha um filho?

Está claro, tinha só aquele filho e os netos já estavam casados e eu pensei: para casa dos netos não. Acabei por ficar sozinha em casa, como fiquei; o meu filho já estava casado quando o meu marido morreu, e fiquei... fiquei à mesma a trabalhar, eu é que orientava a loja, tinha muito que fazer...”

Análise conclusiva

O Sr. António teve um percurso de vida dificultado pelos escassos apoios familiares em criança e pelos fracos recursos económicos que o acompanharam no início de vida. Por isso recorda uma vida de esforço, marcada pelo trabalho de cerâmico, uma profissão que ele não escolheu mas pela qual foi escolhido.

A reforma é sentida como uma expressão de liberdade, um recomeço que lhe permite dedicar mais tempo ao que gosta: descansar, passear, conviver. Apesar de viúvo, não se sente só. Amigo de patuscadas e saídas, foi sempre uma pessoa sociável. Além disso, tem a companhia dos filhos e dos netos que habitam próximo, e, ainda, dos idosos que frequentam o Centro de Apoio onde faz voluntariado. É totalmente autónomo e, por isso, teme a dependência. Talvez essa seja a razão pela qual, no seu discurso, deixe escapar que idosos são os “outros”...

A D. Maria optou conscientemente por ir para um lar, para não sobrecarregar o filho e os netos e encontra nele um espaço e um tempo de realização.

Muitas são as vozes que tenho recolhido sobre o modo de viver a velhice. Não há espaço aqui para mais que estas. E não é objectivo, também, encontrar aqui denominadores comuns aos 3 casos apresentados. Tão só, pretende-se mostrar como há uma dimensão idiossincrática, interior, subjectiva, de construir a qualidade de vida possível perante os obstáculos e constrangimentos objectivos que ocorrem em todos os idosos estudados. E isto, quer seja sozinho em casa, na rotina do lar ou na nova

vida dentro de uma instituição. Assim o projecto seja fruto dos sujeitos (Vieira, 1999; Zimmerman, 2000) que os vivem ou querem viver.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Ecléa (1994). *Lembranças de Velhos*, São Paulo: Companhia das Letras.
- BURGESS, Robert (2001). *A Pesquisa de Terreno*, Oeiras: Celta
- CORREIA, J. Martins (2003). *Introdução à Gerontologia*, Lisboa: Universidade Aberta.
- COSTA, Ruthe Corrêa da (2007). *A Terceira Idade Hoje sob a ótica do serviço social*, Canoas: Editora Ulbra.
- FERNANDES, Ana Alexandre (1997). *Velhice e Sociedade*, Oeiras: Celta
- FONSECA, António (2005). “O Envelhecimento Bem-Sucedido”. In: Constança, Paúl; Fonseca, António M. (coord.). *Envelhecer em Portugal*, Lisboa: Climpsti Editores.
- GUSMÃO, Neusa (Org) (2003). *Infância e velhice – pesquisa de ideias*, Campinas: Alínea Editora.
- IMAGINÁRIO, Cristina (2004). *O Idoso dependente em contexto familiar*, Coimbra: edição Formasau.
- KAUFMANN, Jean-Claude (2004). *L' Invention de Soi: une théorie de l' identité*, Paris: Armand Colin.
- PIMENTEL, Luísa (2001), *O lugar do idoso na família: contextos e trajetórias*, Coimbra, Quarteto Editora.
- RELVAS, Ana (2000). *O Ciclo Vital da Família: perspectiva sistémica*, Porto: edições Afrontamento.
- SAD, Irene (2001). “Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação: tarefas da maturidade”, in NERI, Anita L. (Org.). *Maturidade e Velhice: trajetórias individuais e socioculturais*, São Paulo: Papyrus.
- VIEGAS, Susana de M. e GOMES, Catarina A. (2007). *A Identidade na Velhice, Porto: Ambar.*
- VIEIRA, Ricardo (1999) – *Ser Igual, Ser Diferente: encruzilhadas da identidade*, Porto: Profedições.
- VIEIRA, Ricardo (2003) - “Vidas Revividas: a etnografia e a descoberta de novos sentidos” in CARIA, Telmo (Org.) - *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*, Porto: Afrontamento.
- ZIMMERMAN, Guite I. (2000): *Velhice – Aspectos biopsicossociais*, Porto Alegre, Artmed Editora.

ⁱ Texto produzido a partir de um estudo realizado com Sofia Cozinheiro, uma enfermeira cuja tese de Mestrado orientei.